
O FENÔMENO MIGRATÓRIO BRASILEIRO NO CONTEXTO CAPITALISTA

THE BRAZILIAN MIGRATORY PHENOMENON IN THE CONTEXT CAPITALIST

Anaíza Garcia Pereira¹
Fadel David Antonio Tuma Filho²

RESUMO: Discute-se, neste artigo, o papel que as migrações apresentam no contexto do mundo capitalista. Partindo do pressuposto que o capitalismo se alimenta das desigualdades para ter a possibilidade de se manter, vamos analisar como a migração acaba sendo mais uma ferramenta para fortalecer esse modo de produção. Nesse sentido, temos as diferenciações regionais como um motivo determinante da direção dos fluxos migratórios. Utilizando diferentes recortes temporais, iremos além da análise do início das migrações, ou seja, nossos estudos se iniciam anterior à década de 1930, buscaremos a raiz do fenômeno para traçar a comparação que desejamos.

Palavras-Chave: fluxos migratórios, acúmulo de capital, desigualdades regionais.

ABSTRACT: It is argued in this article, the role that migration in the context of the present capitalist world. On the assumption that capitalism feeds on the inequalities to be able to maintain, let's look at how the migration ends up being more a tool to strengthen this mode of production. In this sense, we have regional differences as a reason for deciding the direction of migration flows. Using different time periods, will review beyond the start of migration, our studies are initiated prior to the 1930s, and we seek the root of the phenomenon to trace what we want compare.

Key words: migration flows, capital accumulation, regional inequalities.

Introdução

Durante toda a história de formação territorial, podemos observar a importância do papel dos processos migratórios na composição sócio-cultural do território, sendo esse um assunto de extrema importância para os estudos dentro da Geografia. Segundo Dezan,

[...] a história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo. Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano. (DEZAN, 2007, p. 18)

Nesse trecho percebemos diversos motivos para termos os fenômenos migratórios, mas vamos nos ater a um deles descrito por Damiani em seu livro *Geografia e População*, onde ela relata que “A discussão da migração tem um caráter estratégico no desvendamento da relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital, para além da concepção de crescimento natural – a do excesso de nascimentos sobre mortes.” (Damiani, 2001:39)

Então vemos as migrações sendo um estudo de grande importância no processo de acúmulo de capital já que os fluxos possuem um sentido de saída de zonas opacas em direção às zonas luminosas, sempre buscando melhores condições de vida através de novas oportunidades de emprego.

1 Graduando do Curso de Geografia – UNESP – Rio Claro – anaiza.gp@gmail.com.

2 Professor Adjunto– Departamento de Geografia – UNESP – Rio Claro – fadeldaf@rc.unesp.br.

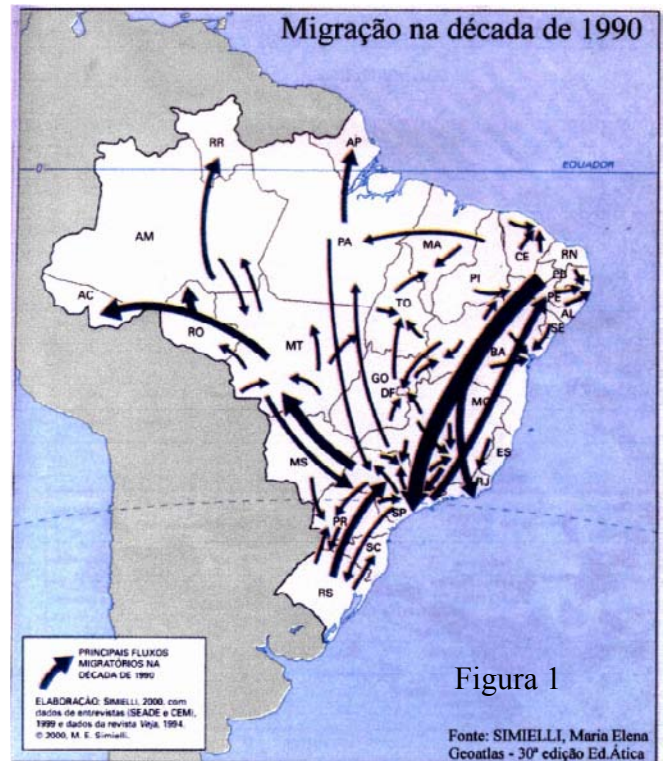
O desenvolvimento econômico e cultural no Brasil está atrelado ao fenômeno das migrações que vão se apresentar como característica fundamental a ser analisada quando estudamos a evolução de uma determinada região. Esses movimentos populacionais são determinantes em território brasileiro apresentado nas miscigenações que temos em nosso país.

Recorrendo um pouco a processos históricos vemos a importância desse fenômeno em relação ao campo e a cidade,

A década de 1950 caracterizou-se no Brasil por um processo altamente desenvolvimentista. O então presidente Juscelino Kubitschek, estimulava dois setores importantes da economia brasileira: o da energia e o de transportes. Os anos 50 apresentavam várias mudanças tecnológicas, com mercados e consumo que iriam refletir o crescimento da produção de vários bens. É o tempo da modernização, da urbanização levando os migrantes a abandonarem o campo e se dirigirem as grandes e médias cidades. (DEZAN, 2007, p. 117)

O que significa, que independente dos fluxos serem de uma cidade para outra ou do campo para cidade, eles ainda obedecem a uma hierarquia dos lugares comandada pelo desenvolvimento das técnicas presentes.

Segundo Milton Santos, “o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida.” (Santos, 2001, p. 80) De acordo com o desenvolvimento das técnicas presentes no território ele será mais propício para a fixação de migrantes, por isso esta é uma característica fundamental para entendermos o sentido que as migrações obedecem. Os fluxos analisados no país seguem uma lógica definida pelos processos históricos que temos enfrentado e podem ser espacializados como vemos na figura 1 que se segue.



Percebemos os fluxos de saída da região nordeste se apresentaram com grande intensidade em direção aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, essa é uma tendência que no decorrer do processo de acumulação de capital só vem aumentando, tanto na forma das migrações como em migrações temporárias ou sazonais.

O que pretendemos com o presente trabalho é desvendar os motivos e as causas com que os processos migratórios se desenvolvem no território brasileiro e o sentido de seu fluxo, para que assim possamos fazer uma análise da formação territorial do Brasil sob a perspectiva das migrações.

Uma breve periodização

Dentro de todo estudo geográfico deve ser feita uma periodização que é estabelecida levando em conta até onde afetam os atos passados, até onde um momento na história se faz presente atuando, de certa forma, em nossas vidas. É lógico que não pretendemos com esse ponto interferir no trabalho dos historiadores, visto que para nós, estudantes de geografia, o único interesse é se utilizar da história como ferramenta para aprofundar nossos estudos, de maneira alguma estabeleceremos esse tópico como o mais relevante. Devemos dar a ele somente a importância de contextualizar brevemente nosso tema de pesquisa.

A passagem de uma sociedade fundamentada na vida e na produção agrária para o modelo urbano-industrial no Brasil ocorre no contexto das transformações internas e externas das primeiras décadas do século XX.

Antes dos anos 1930, a forte migração internacional já dava as primeiras contribuições para alterações mais profundas no mercado de trabalho e nas relações sociais que se darão durante o Estado Novo. Neste momento as migrações internas começam a protagonizar os movimentos populacionais mais importantes do país, refletindo uma integração maior do mercado de trabalho nacional, pela oferta de oportunidades de trabalho nos crescentes centros urbanos.

Então, o que temos de interessante a ser analisado são tendências bem distintas. A primeira se passa na década de 1930, onde as migrações internas seguiram duas vertentes: os deslocamentos para as fronteiras agrícolas e para o Sudeste.

Estima-se que nos últimos 35 anos, 40 milhões de pessoas abandonaram as zonas rurais do país. O Brasil transformou-se, em algumas décadas, de um país predominantemente rural, num país majoritariamente urbano. Cabe lembrar que, na maioria dos casos, os deslocamentos para a cidade foram compulsórios, consequência de uma política agrária que fechou a fronteira agrícola, modernizou o trabalho do campo e concentrou a posse da terra. (MARINUCCI, MILESI, 2002)

Durante a década de 1950 registram-se as maiores taxas de migração interna da história do país, de acordo com os mesmos movimentos que se desenhavam nas décadas anteriores. Os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo figuravam como os dois maiores centros de atração dos migrantes originários, principalmente, dos Estados do Nordeste.

Já na década de 1960 há uma inflexão da tendência observada nos 30 anos anteriores, quando as taxas de emigração passaram a apresentar declínio no Nordeste. Os efeitos da queda nos movimentos são sentidos em São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro e Paraná. Enquanto isso, Goiás e Mato Grosso continuaram a ostentar as altas taxas imigratórias da década anterior (GRAHAM e HOLANDA FILHO, 1973:741, *apud* BRAGA, 2006).

Outra tendência vem se desenvolvendo em épocas mais recentes e diverge do êxodo rural de 1930, análises atuais da mobilidade humana apontam para o crescimento das migrações de curta distância (intra-regionais) e dos fluxos urbano-urbano e intra-metropolitano.

Em outras palavras, aumenta o número de pessoas que migram de uma cidade para outra ou no interior das áreas metropolitanas em busca de trabalho e de melhores condições de vida. O êxodo rural continua presente, mas adquirem dimensões sempre maiores os fluxos de retorno, principalmente para o nordeste: entre 1995 e 2000, 48,3% das saídas do Sudeste foram em direção ao Nordeste. Esse refluxo migratório, contudo, não impede que os Estados com maior redução

populacional sejam concentrados no nordeste - Paraíba, Piauí, Bahia e Pernambuco. Já o maior crescimento populacional verifica-se em Estados do Norte e do Sudeste. (MARINUCCI, MILESI, 2002)

Os fenômenos descritos acima são ilustrados nas figuras 2, 3 e 4, que se seguem.



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Fonte: Adaptado de SANTOS, Regina Bega. *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994.

Ainda devemos fazer uma observação detalhada em nossas pesquisas através na análise do próximo mapa (Figura 5).

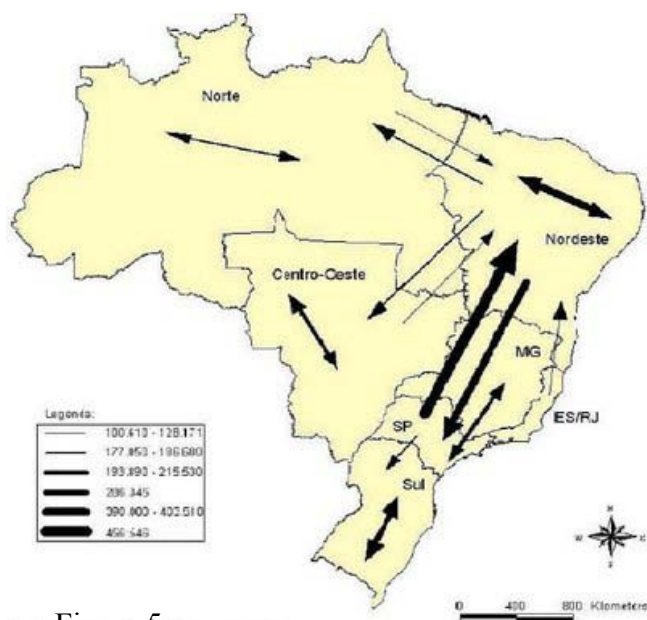


Figura 5

Fonte: Cunha, 2007:18

Dentre os mapas expostos vemos, nitidamente, a diminuição dos fluxos migratórios no sentido Nordeste – São Paulo, e o último mapa nos mostra o aumento do fluxo no sentido inverso, que define que migrantes nordestinos cada vez mais procuram voltar para sua terra natal. Mas ainda assim, esses movimentos são direcionados por fatores econômicos, a intensa busca pela ascensão social.

As raízes dos movimentos migratórios no Brasil

Os estudos dos fluxos migratórios internos tornam-se cada vez mais importantes para entendermos a dinâmica da evolução social e econômica do país. Entretanto, tais fluxos nem sempre ocorrem de modo espontâneo, mas apresentam, muitas vezes, fatores que catalisam o fenômeno migratório. Segundo Gonçalves (2001)

Para entender as migrações internas, será preciso encarar de frente (sic) alguns nós ou estrangulamentos que, para usar a expressão de Caio Prado Júnior, fazem parte da formação econômica e política do Brasil. Fazem parte, igualmente, da formação histórica e cultural de nossa sociedade. São verdadeiros entraves do desenvolvimento social na história do país.

O primeiro nó a ser analisado é a concentração de terras que tem sua origem nos tempos coloniais e com o passar do tempo esse fenômeno só fez aumentar. Nesse aspecto, o Brasil colônia não é o Brasil de ontem, “A coexistência entre uma

elite abastada e a exclusão social da maioria da população é uma realidade da história deste país.” (GONÇALVES, 2001).

Outro nó que estrangula a população assalariada é a questão das relações de trabalho. No Brasil, como em todo mundo capitalista, vivemos hoje uma enorme contradição: ao mesmo tempo em que vemos o desenvolvimento de técnicas mais avançadas, vemos a ressurreição de formas de trabalho execradas e prescritas à parcela da população mais abastada da história. Se outrora os gastos do Brasil com o trabalho sempre foram mínimos, hoje se tornam irrisórios. Então, uma vez mais, o trabalhador vê-se obrigado a um vaivém compulsório e, não raro, ao esfacelamento do grupo familiar, apenas para suprir, e mal, as despesas com a sobrevivência.

A estiagem periódica no semiárido brasileiro e a indústria da seca constituem outro nó que está na raiz das migrações. Porém, não podemos cair na ingenuidade de crer que a seca é fator predominante da saída em massa do Nordeste e de Minas Gerais, esta, apenas agrava uma situação fundiária já extremamente desigual.

Para finalizar, temos um novo entrave que estrangula o desenvolvimento brasileiro: a corrupção.

Também esta se encontra fortemente impressa na história e na cultura do país. Se a dívida externa representa uma sangria em parte substancial dos recursos do país e a concentração de riqueza acumula outra grande fatia, a corrupção acaba por completar o quadro de exploração. Fatos e rumores recentes têm trazido à tona o enorme desvio dos recursos públicos em favor de interesses privados. Quanto às famílias para as quais se destinavam tais recursos, quantas delas não acabam caindo na estrada! (GONÇALVES, 2001).

As migrações como vemos hoje, em território brasileiro, são um reflexo de uma organização do espaço desequilibradas, com isso contribuem para o agravamento de problemas socioeconômicos já existentes desde o tempo da colônia. O que falta é um planejamento integrado visando diminuir as disparidades regionais e a sociedade em classes cada vez mais distintas.

“A migração como expressão da crescente sujeição do trabalho ao capital” (ROSSINI, 1986)

Para explicar como o fenômeno migratório se vê sujeito ao acúmulo de capital, achamos interessante o que nos traz Rosa Ester Rossini em seu trabalho. Apesar de não ser uma publicação recente, o trabalho de Rossini se mostra extremamente atual, onde se coloca a questão, no sentido de que a migração não é um fenômeno individual, mas ao contrário é um fenômeno de classe social. (SINGER, 1975) Não faz sentido o estudo da migração como um movimento de indivíduos num dado período

entre dois pontos, o fluxo migratório é definido quando uma classe social se põe em movimento, que pode ser de longa duração e “que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino” (SINGER, 1977, apud ROSSINI, 1986).

O fator importante é não desvincular a visão da migração como seu deslocamento entre modos de produção, essa visão transpassa a migração como simples deslocamento de pessoas no espaço, assim, temos que o capitalismo se alimenta do excedente de trabalhadores, o que viabiliza a expansão da produção, e a mão de obra excedente favorece a reprodução do capital.

A geração desse excedente de mão-de-obra está principalmente vinculada ao próprio processo de acumulação. A elevação da composição orgânica do Capital, através da introdução de tecnologia sofisticada, altamente poupadora de mão-de-obra, atinge tanto o campo como a cidade. Essa tecnologia implantada de forma acelerada no Brasil tem provocado custos sociais altíssimos, isto é, intensifica o desemprego, promove o subemprego, etc. (ROSSINI, 1986)

Com o excedente de mão de obra, principalmente em meio rural, temos a intensificação dos fluxos migratórios de longo e curto percurso em várias áreas do território nacional.

Nesse contexto, vemos o movimento de população não como um movimento espontâneo, mas sim uma verdadeira expulsão do homem, tanto da cidade como do campo, sempre atrás de melhores ofertas de emprego, sendo esta, uma etapa determinante do processo migratório.

Com isso, chegamos à descrição de Martins (1984) da migração,

Mais do que migrantes há um definido universo social da migração... Mais do que transito de um lugar ao outro, há transição de um tempo ao outro. Migrar... é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes... é ser duas pessoas ao mesmo tempo...é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo... Estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É até mesmo partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1984, apud ROSSINI, 1986).

Conclusão

O que podemos dizer sobre o quadro das migrações é que estas se inserem no contexto da economia globalizada, seletiva e perversa que vem se desenvolvendo através dos avanços do mundo capitalista e das técnicas que o sustentam.

O modelo neoliberal adotado pelas elites e pelo governo, subordinando a política e a economia às exigências do capital financeiro nacional e internacional, agrava ainda mais o penoso vaivém de amplos setores da população. Os trabalhadores são impelidos a uma mobilidade freqüente e, ao mesmo tempo, acabam sendo barrados em todo tipo de fronteira. (GONÇALVES, 2001)

A concentração de renda e a exclusão social, fatores fomentados pelo modo de produção vigente, agravam a instabilidade e a insegurança, o que gera fluxos de movimentos populacionais ainda mais intensos.

Entretanto, deve-se lembrar também que, freqüentemente, por trás das migrações escondem-se aspectos negativos ou conflitivos, como a expulsão do lugar de residência, o desenraizamento cultural, a desestruturação identitária e religiosa, a exclusão social, a rejeição e a dificuldade de inserção no lugar de chegada. Hoje, em geral, a migração não é conseqüência de uma escolha livre, mas tem uma raiz claramente compulsória. A maioria dos migrantes é impelida a abandonar a própria terra ou o próprio bairro, buscando melhores condições de vida e fugindo de situações de violência estrutural e doméstica. Este é um grande desafio, pois “migrar” é um direito humano, mas “fazer migrar” é uma violação dos direitos humanos! (MARINUCCI, MILESI, 2002)

Hoje, em vários contextos, o migrante é visto como um verdadeiro “bode expiatório”, sendo considerado o principal culpado pelos problemas estruturais que afetam a nossa sociedade, como a violência e o desemprego. Esta culpabilidade da vítima visa ideologicamente esconder as verdadeiras causas da exclusão social e, ao mesmo tempo, inculcar no próprio migrante um sentimento de frustração, de fracasso, de inferioridade que, não raramente, inibe seu potencial de resistência e reivindicação.

O que não devemos nos esquecer que há a busca, por parte dos migrantes, de uma maior inserção nesse mundo globalizado, por isso deve ser ensaiado um novo jeito de se fazer a globalização, menos seletiva e que se busque a diminuição das desigualdades para que todos possam usufruir de maneira semelhante qualquer tipo de técnica, desde as mais rústicas às mais inovadoras, e que se haja uma melhor distribuição das mesmas em território nacional.

Referências

ANTONIO FILHO, F. D. ; DEZAN, M. D. de S. *Metodologias de Pesquisa e Procedimentos Técnicos: Considerações para o uso em Projetos de Pesquisa em Geografia*. Rio Claro – SP: CLIMEP - Climatologia e Estudos da Paisagem – vol. 4 – nº 2, 2009, p. 79-92.

- ANTONIO FILHO, F. D. *Para entender o sentido da "Dialética" e do Materialismo- Histórico*. Rio Claro – SP: Diário do Rio Claro, 1989, p. 14-15.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O Método Das Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- BRAGA, F. G. (2006) *Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil*. Acedido a 14/06/2011, em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf.
- CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. 7. ed. – São Paulo: Ática, 2000.
- CUNHA, J. M. P. da; DUARTE, F. A. S. *Migração, redes sociais, políticas públicas e a ocupação dos espaços metropolitanos periféricos: o caso de Paulínia – SP*. In: CUNHA, J. M. P. da (org.) *Novas Metrôpoles Paulistas: Populações, vulnerabilidade e segregação*. – Campinas: Núcleo de Estudos da População – Nepo/Unicamp, 2006.
- DAMIANI, A. L. *População e Geografia*. 5. ed – São Paulo: Contexto, 2001.
- DEZAN, M. D. de S. *Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP*. Rio Claro-SP: Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.
- FERNANDES, M.E. *A cidade e seus limites: as contradições do urbano na "Califórnia Brasileira"*. São Paulo: Annablume; Fapesp; Ribeirão Preto: Unaerp, 2004. 348p.
- GEORGE, P. *Geografia da População*. – São Paulo: Difusão Européia do Livro – Difel, 1969.
- GONÇALVES, A. J.(2001) *Migrações internas: Evoluções e desafios*. Acedido a 14/06/2011, em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a14.pdf>.
- LENCIONE, S. *Região e Geografia*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- MARINUCCI, R. MILESI, R.(2002) *O fenômeno migratório no Brasil*. Acedido em 26/06/2011 em www.migrante.org.br/ofenomenomigratorioparaobrasil.doc.
- MOREIRA, E. P. SZMRECSÁNYI, T. *O Desenvolvimento da Agroindústria Canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial*. Acedido em 02/06/2011 de: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a06.pdf>.
- ROSSINI, R. E.(1986) *A Migração Como Expressão da Crescente Sujeição do Trabalho ao Capital*. Acedido em 06/05/2011 de: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V02A01.pdf>.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. - 4. ed. – São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SINGER, P. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.